REMANDO NAS REDES SOCIAIS: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR KOKAMA EM TEMPOS DE PANDEMIA

PADDLING ON SOCIAL MEDIA: THE CHALLENGE OF KOKAMA SCHOOL EDUCATION IN TIMES OF PANDEMIC

REMANDO EN LAS REDES SOCIALES: EL DESAFIO DE LA EDUCACIÓN ESCOLAR KOKAMA EN TEMPOS DE PANDEMIA

Altaci Corrêa RUBIM[*]
Sheilla Borges DOURADO[**]

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar a reelaboração da educação escolar Kokama em tempo de pandemia de Covid-19, as formas de adaptação à imposição do distanciamento social, realçando o uso de tecnologias e a criação de materiais didáticos e recursos pedagógicos inovadores, criativos e lúdicos. O texto faz uma síntese das iniciativas do povo Kokama, em especial a partir da experiência da autora - professora e pesquisadora indígena - destacando o resultado do empenho de diversos agentes e instituições, como o movimento indígena e universidades públicas, ao enfrentaram os desafios de reelaborar a escola indígena neste contexto. Salienta-se o atual papel do ensino da língua Kokama, outrora quase desaparecida, que objetiva sua vitalização e que conta hoje com aplicativos de celular desenvolvidos especialmente para este fim. Além da observação participante, os procedimentos metodológicos incluíram a revisão bibliográfica e de fontes jornalísticas e a pesquisa narrativa.

Palavras-chave: Educação indígena; Escola indígena; Kokama; Covid-19.

[*] Professora e pesquisadora do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP), do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB), e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - PNCSA/UEA. Graduada em Normal Superior, pela Universidade do Estado do Amazonas (2005), e em Pedagogia, pela Universidade Leonardo Da Vinci (2009); Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSA/UFAM (2011) e Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB (2016). Contato: altacirubim@gmail.com.

[**] Professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e pesquisadora na Rede Nova Cartografia Social. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia (1999); Mestre em Direito Ambiental pela Universidade do Estado do Amazonas (2009); Doutora em Direito pela Universidade Federal do Pará (2014). Possui Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia da Universidade Estadual do Maranhão (2017). Contato: sheilla.dourado@gmail.com.

Abstract: The aim of this article is to present the re-elaboration of Kokama school education during the Covid-19 pandemic, ways of adapting to the imposition of social distancing, highlighting the use of technologies, and the creation of innovative, creative, and playful teaching materials and teaching resources. The text summarizes the Kokama people's initiatives, especially based on the author's experience - an indigenous professor and researcher - highlighting the result of the efforts of various agents and institutions, such as the indigenous movement and public universities, in facing the challenges of re-elaborating the indigenous school in this context. We emphasize the current role of teaching the Kokama language, once almost gone, which aims to vitalize it and which today has cellphone applications developed especially for this purpose. In addition to participant observation, the methodological procedures included bibliographic and journalistic sources review and narrative research.

Keywords: Indigenous education; Indigenous school; Kokama; Covid-19.

Resumen: El objetivo de este artículo es presentar la reelaboración de la educación escolar Kokama durante la pandemia del Covid-19, formas de adaptación a la imposición del distanciamento social, destacando el uso de tecnologias y la creación de materiales didácticos y paradidácticos y recursos pedagógicos innovadores, creativos y lúdicos. El texto resume las iniciativas do povo Kokama, especialmente a partir de la experiencia de la autora – docente e investigadora indígena – destacando el resultado del esfuerzo de diversos agentes e instituciones, como el movimento indígena y las universidades públicas, ante los desafios de reelaborar la escuela indígena em este contexto. Destaca el rol actual de la enseñanza del idioma Kokama, uma vez casi desaparecido, que tiene como objetivo revitalizarlo y que hoy cuenta con aplicaciones de telefonía móvil desarrolladas especialmente para este fin. Además de la observación participante, los procedimentos metodológicos incluyeron la revisión de laliteratura, la investigación narrativa y la consulta a fuentes periodísticas.

Palabras clave: Educación indígena; Escuela indígena; Kokama; Covid-19.

1 Introdução

A pandemia de Covid-19 atingiu fortemente os povos indígenas e com o povo Kokama não foi diferente. Presente no Peru, na Colômbia e no Brasil, este povo teve o primeiro caso de contaminação de indígenas pelo coronavírus, em nosso país, em março do ano de 2020, no município de Santo Antônio do Içá-AM (FARIAS, 2020a). Desde então, foram mais de 120 vidas perdidas para a doença entre anciãos e adultos e jovens, inclusive o cacique Messias Kokama, fundador da comunidade Parque das Tribos, em Manaus.

Originário da tríplice fronteira (Brasil, Colômbia e Peru), o povo Kokama no Brasil tem forte presença na região do Alto Rio Solimões e

Médio Rio Solimões, até o baixo Rio Negro. Ocupa, ao menos, 17 terras indígenas e se distribui, principalmente, nas cidades de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Amaturá, Tefé, Jutaí, Fonte Boa, Alvarães, Autazes e Manaus (FARIAS, 2020b).

A pandemia de Covid-19 se mostrou uma forte ameaça à transmissão de conhecimentos entre os Kokama, tanto os tradicionais e específicos de sua cultura quanto os conteúdos universais, que também fazem parte da educação escolar. O desafio de enfrentar a crise sanitária provocou a elaboração de novas formas de ensino e aprendizagem.

Com relação à circulação de saberes, se por um lado, houve e ainda há o impacto – real e simbólico – sobre a tradição oral, com o lamentável falecimento de pessoas detentoras de conhecimentos, por outro, tal situação provocou um processo de adaptação do povo Kokama – professores, estudantes e famílias – para a continuidade das atividades de ensino e de aprendizagem durante a pandemia.

Gersem Baniwa, antropólogo indígena com experiência de 30 anos na educação indígena no Amazonas, destaca o protagonismo dos professores nesse período de crise sanitária, que ainda não terminou. Segundo ele, os professores indígenas se reinventam e não desistem. Suas iniciativas não dependem do Estado, sob um governo federal declaradamente anti-indígena. Em suas palavras, "não dependemos do Estado e vamos tocando as aulas. Se o governo não manda recursos, nós fazemos mesmo assim"[1] (BANIWA, 2021).

Este professor afirma que crianças e jovens indígenas não perderam nenhum conteúdo na pandemia. Eles tiveram pais e parentes como mestres no ambiente doméstico e na aldeia. Segundo Baniwa, "os estudantes aprenderam muito mais"; além de a pandemia ter impulsionado o aumento da força da ancestralidade nas aldeias (BANIWA, 2021).

O objetivo deste artigo é apresentar a reelaboração da educação escolar Kokama em tempo de pandemia de Covid-19, as formas de adaptação à imposição do distanciamento social, destacando o uso de

[1] Conforme palestra do antropólogo e professor Gersem Baniwa no VII Encontro Questão Indígena e Educação, em 20 de agosto de 2021, transmitida via Youtube pelo canal do Museu do Índio da Universidade Federal de Uberlândia. Segundo o professor, no ano de 2021, 300 mil jovens indígenas estão cursando o ensino fundamental e quase 70 mil cursam graduação (BANIWA, 2021).

tecnologias e a criação de materiais didáticos e recursos pedagógicos inovadores, criativos e lúdicos. O texto faz uma síntese das iniciativas dos Kokama, em especial a partir da experiência da autora – professora e pesquisadora indígena –, destacando o resultado do empenho de diversos agentes e instituições, como o movimento indígena e universidades públicas, ao enfrentaram os desafios de reelaborar a escola indígena neste contexto. Destaca-se o atual papel do ensino da língua Kokama, outrora quase desaparecida, que objetiva sua vitalização e que conta hoje com aplicativos de celular desenvolvidos para este fim. Além da observação participante, os procedimentos metodológicos incluíram a revisão bibliográfica e de fontes jornalísticas e a pesquisa narrativa

Quanto ao referencial teórico, baseamo-nos em Rojo e Moura (2019) para dar suporte ao desenvolvimento das tecnologias, saindo do texto escrito para o texto digital, dialogando com diferentes linguagens (em materiais físicos e digitais, como: imagens estáticas e em movimento, sons e música, entre outros). Visitamos sites de jornalismos independentes, como o "Amazônia Real", que realizou uma grande cobertura na Amazônia sobre os povos indígenas e a Covid-19. Dialogamos com as teorias apresentadas por Ramos (2017) e Azevedo e Piris (2016), sobre abordagens, métodos e técnicas de ensino de línguas e produção de materiais didáticos, além de autores como Almeida e Rubim (2013), sobre o povo Kokama e a sua luta em prol do fortalecimento da língua, da cultura e da identidade indígena.

2 O ensino e aprendizagem de língua por meio das mídias sociais

Falar de ensino e aprendizagem por meio de mídias sociais nos leva a refletir sobre mídia social e rede social. São termos cuja conceituação ainda se discute por causa da constante atualização tecnológica de suas ferramentas.

A (r)evolução das tecnologias e das mídias tem abarcado o avanço tecnológico e a era digital. *Medium* é um termo latino introduzido em inglês no final do século XIX, nos Estados Unidos. Há diferentes tipos de mídia. A palavra mídia, do latim *media*, plural de *medium* (meio) "chega até nós por meio do inglês *media* (que pronunciamos mídia)" (ROJO; MOURA, 2019, p. 29).

> Passamos então das telas de cinema e TV para as fitas VHS alugadas em locadoras e para o *streaming* de vídeos em computadores e laptops e para as telas de HDTV digital, tablets e celulares, onde podemos escolher na Netflix o filme a que queremos assistir. (ROJO; MOURA, 2019, p. 3).

Na década de 1990, a mídia se referia a descentralizar e veicular informação de conteúdo, mas a interação com as pessoas ficava em segundo plano. Segundo a pesquisadora Sônia Vermelho e sua equipe:

> Nesse mesmo período, nos Estados Unidos, teóricos e intelectuais acadêmicos que utilizavam os processos de comunicação integrados por sistemas digitais informatizados expandiam o emprego do termo mídia e passavam a chamar esses suportes de novos meios de comunicação, de as 'novas mídias'. (VERMELHO *et al.*, 2014, p. 183, grifo no original).

As novas tecnologias trouxeram mais interatividade. As redes sociais, de modo geral, expressam a conexão entre grupos de pessoas e a principal característica é o relacionamento, a interação entre pessoas. Para Rojo e Moura (2019), a revolução das tecnologias e das mídias determina a mudanças acentuadas no consumo e na produção da linguagem e do discurso.

> Para dar conta desta questão, alguns autores estão utilizando o termo 'mídia digital', que tem como característica principal a convergência de meios num sistema de rede, e este conceito de rede é específico. (VERMELHO *et al*., 2014, p. 185, grifo no original).

Nesse contexto de pandemia de Covid-19, o ensino e aprendizagem, que outrora ocorriam presencialmente nas escolas e centros de língua, serão deslocados para o seio familiar por meio das redes sociais.

Nesse processo, no período da pandemia o WhatsApp alcançou o público educacional indígena, aproximou a escola, o professor, o estudante, a família e o curso de formação para professor, todos com o mesmo objetivo – a busca pelo ensino e aprendizagem –, como poderemos observar a seguir.

2.1 O impacto da Covid-19 na Educação Escolar Indígena do povo Kokama

O povo indígena Kokama foi o primeiro a ser contaminado pela Covid-19 no Brasil. O caso ocorreu em Santo Antônio do Içá, Amazonas, Brasil, em março de 2020.

> O município de Santo Antônio do Içá, com 32 mil habitantes, está localizado no interior do estado do Amazonas, no alto Rio Solimões, a 878 km de Manaus. Nesse munícipio, encontram-se duas Terras Indígenas Kokama, Lago do Correio e São José/São Gabriel. Foi na aldeia de São José que ocorreu o primeiro caso de contaminação de indígena com a doença Covid-19 no Brasil. (RUBIM, 2020, p. 391).

Uma agente de saúde indígena foi contaminada pelo médico da SESAI que veio de um evento ocorrido no sul do país. Na primeira onda da pandemia, da segunda quinzena de março à primeira quinzena de junho de 2020, morreram 70 Kokama em diferentes municípios do estado do Amazonas (Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Manaus, entre outros). Contudo, os casos foram subnotificados pelo serviço de saúde e por organizações indígenas que não reconhecem os indígenas residentes em cidades.

Nesse sentido, a pandemia e as mortes dos anciãos mudaram a dinâmica das escolas indígenas do povo Kokama. As escolas indígenas saíram do ensino presencial e passaram a se adaptar ao ensino remoto, representando uma mudança na forma de ensino e aprendizagem dos estudantes e professores. Vale ressaltar que muitos materiais didáticos de ensino de língua ainda seguem abordagens metodológicas de tempos passados[2].

O impacto da pandemia nas comunidades indígenas levou o povo Kokama a se reorganizar, a pensar novas possibilidades de manter o ensino e aprendizagem que ocorriam nas escolas. Em Benjamin

[2] A exemplo, temos o material didático *Harra Hubullu*, composto de uma lista de palavras escritas na língua suméria, falada na Mesopotâmia, e no acádio, língua de menor prestígio. No século II, há registro de outro material, criado pelos romanos, para o ensino de língua. De lá para cá, outras metodologias e métodos foram criados para o ensino de língua, mas, ainda hoje, encontramos materiais didáticos, elaborados em consonância com a perspectiva de mais de 2.000 mil anos (AZEVEDO; PIRIS, 2016). Como repensar o novo fazer da escola?

Constant-AM, o ensino passou a ser via rádio, em que os pais buscavam atividades impressas na escola e os estudantes ouviam as aulas por meio da rádio comunitária. Em Santo Antônio do Içá, as atividades eram impressas e enviadas aos pais dos estudantes e depois de respondidas retornavam para a correção do professor. Em Manaus, capital do estado do Amazonas, as aulas passaram a acontecer pelo aplicativo de rede social WhatsApp. As atividades têm sido preparadas no próprio celular dos professores, como exemplificado nos *prints* a seguir:

Figura 1: *Posts* das aulas Kokama – julho de 2021.



Fonte: *Posts* da *yumitawara waina* Laura (2021)

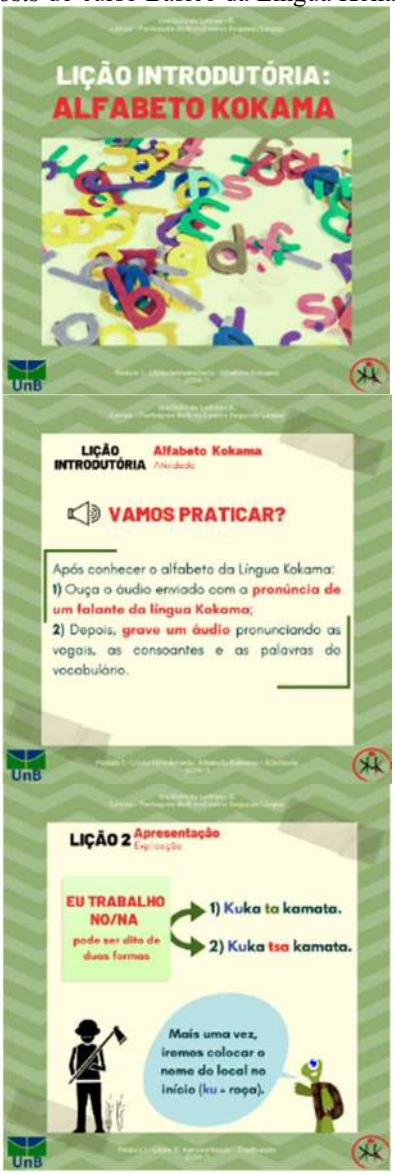
A preparação dessas atividades exigiu do professor um conhecimento que ele não tinha antes da pandemia, como o domínio do programa de criação de *posts* no Canva, de criação de vídeos e áudios por meio do celular. Esse processo de criação e adaptação dos professores Kokama utilizando as tecnologias foi possível por causa do curso de Formação de professores via mídia social (WhatsApp), chamado de curso Básico da Língua Kokama, uma parceria da Associação dos Índios Kokama em Manaus e a Universidade de Brasília.

Esse curso foi pensado para ser realizado um pouco antes da pandemia. Para isso, foi realizada uma pesquisa para verificar as possibilidades e viabilidade do curso dentro da Amazônia. Chegou-se ao resultado de que o aplicativo de rede social WhatsApp era o mais utilizado pelos Kokama, além de os *posts* com as atividades não exigirem tanto dados móveis dos usuários. Nessa perspectiva, foi aberta a inscrição que contou com professores Kokama de vários estados do Brasil, da Colômbia e do Peru.

A adesão ao curso foi boa, mas conforme foi a pandemia foi se intensificando, os *yumitawara* (professores) do curso, os estudantes e seus familiares foram sendo atingidos pela Covid-19; muitos estudantes tiveram que vender seus celulares para ajudar a família, outros ficaram enlutados sem condições de continuar o curso. Além disso, a falta de internet no interior do Amazonas dificultou o acesso dos estudantes do curso. Porém, aqueles que continuaram mudaram sua forma de ensino incorporando as metodologias de ensino aprendidas no curso, contextualizando com a sua realidade, como vimos nos *posts* da *yumitawara waina* Laura.

O curso Básico da Língua Kokama se baseou na abordagem comunicativa e sociointeracional, respeitando a forma de ensino do respectivo povo, como os anciãos, professores, linguistas, monitores e estudantes do curso. As aulas saíram dos espaços institucionais e passaram a ser realizadas no seio da família, em casa, fortalecendo a aprendizagem em contexto familiar, tanto de conteúdos específicos, como a língua Kokama, quanto de conteúdos universais, conforme podemos observar nos *posts* do curso:

Figura 2: *Posts* do curso Básico da Língua Kokama – 2021.



Fonte: Material preparado por Mariana Rodrigues Ferreira (2021).

A caminhada de vitalização da língua Kokama tem levado os professores a produzirem materiais didáticos, paradidáticos, videoaulas, sequências didáticas, unidades didáticas, entre outros, como veremos a seguir.

3 Produção de material didático (físico e digital)

Um dos desafios do professor indígena é encontrar uma abordagem ou método para utilizar na produção de seu material didático. Observamos que dialogar com algumas abordagens e métodos poderia trazer resultados satisfatórios para o processo de vitalização da língua Kokama.

Para Ramos (2017), a abordagem comunicativa não se assenta em nenhuma teoria, mas os aprendizes devem interagir uns com os outros para se comunicarem, razão pela qual a sequência de atividades é determinada pelo conteúdo, pela função comunicativa e pela motivação do interesse de se comunicar.

Do ponto de vista de Figueiredo (2019), a abordagem sociointeracional foca na importância da interação social e nas atividades para a aprendizagem significativa. Por isso, elaborar uma proposta de material didático para uma língua em vitalização é desafiador, todavia a contribuição de diferentes abordagens auxilia o professor a enfrentar as dificuldades. Nas próximas seções, discorremos sobre o processo de criação de uma abordagem de ensino de língua indígena e de materiais didáticos.

3.1 Material físico

Um dos novos materiais Kokama produzidos durante a pandemia são materiais tridimensionais, confeccionados a partir de produtos naturais, como ilustrado a seguir:

Figura 3: Amostra do livro tridimensional – A história do Jovem Garça (2019)

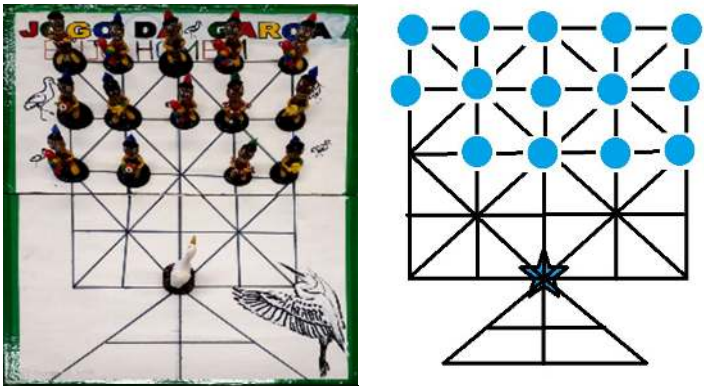


Fonte: "A história do Jovem Garça", por Rubim (2019).

Produzimos a capa do livro com celulose de *tururi*[3], tintas naturais de goiaba de anta e folha de capim. A madeira empregada foi um cavaco da árvore preciosa, que contém cheiro e serve para fazer chá, combater a dor de barriga, além de servir para construir casas. Pelo cheiro, o estudante conhece essa árvore. Pelo toque descobre a pena da garça, o jabuti, a banana e o próprio papel de *tururi*.

Os jogos pedagógicos surgem a partir das histórias, como podemos observar o jogo de tabuleiro, criado pelos indígenas, que é composto de dois tipos de peças: uma garça e quatorze sogros[4]. A garça tem por objetivo capturar cinco sogros como no jogo de damas, e o sogro imobilizar a garça. Conforme as regras, um jogador ficará com a garça e o outro com os quatorze sogros. O jogador com a garça inicia a jogada e move a peça para qualquer lugar livre. A garça captura o sogro quando salta sobre ele para qualquer casa livre. Pode-se capturar mais de um sogro numa única jogada. Os sogros não podem capturar a garça. Vence quem conseguir alcançar o objetivo do jogo primeiro.

Figura 4: Tabuleiro criado para o projeto Jogos Pedagógicos e Contação de Histórias Indígenas da Semana Universitária da UnB (2019).



Fonte: Tabuleiro criado pelos estudantes Tainá Rossi, Raylton Parga e Mariana Rodrigues Ferreira (2019). Acervo pessoal.

Os jogos pedagógicos são utilizados para fortalecer o ensino e aprendizagem das crianças, dos jovens e adultos de forma lúdica e

[3] Fibra natural vegetal, extraída da casca do *tururi* e da castanheira.

[4] O jogo faz parte da história do Jovem Garça, em que o sogro o persegue até descobrir o segredo dele.

criativa. Esse tipo de jogo pode ser jogado com sementes e o tabuleiro pode ser desenhado na areia ou no barro.

3.2 Material digital

O celular é um instrumento digital popularizado e muito utilizado pelos povos indígenas. Nesse sentido, na pandemia, o uso dessa ferramenta para fins educacionais se intensificou com o uso de diferentes aplicativos. O aplicativo é um conjunto de ferramentas desenhadas, ou seja, um *software* aplicativo é um programa de computador ou de celular que tem por objetivo ajudar seu usuário a desempenhar uma tarefa específica.

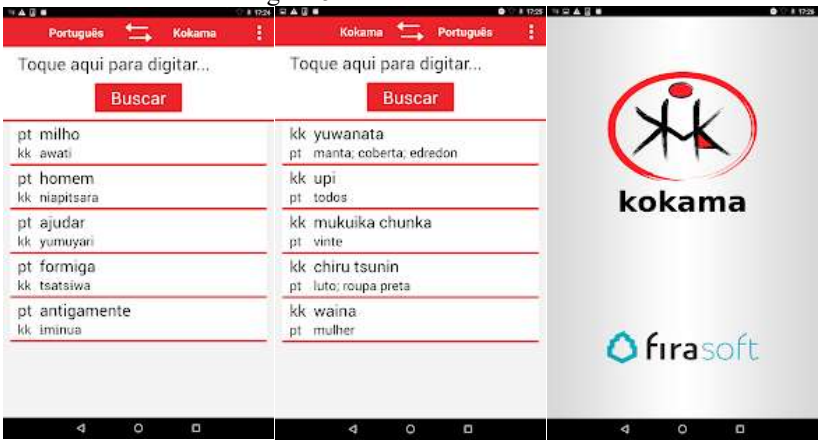
Como foi dito, um aplicativo bastante utilizado pelos Kokama tem sido o WhatsApp, que funciona como uma rede social, além dos aplicativos que produzem os *posts* de Instagram, como o Canva.

Nessa perspectiva, destacam-se ainda os aplicativos Kokama criados para impulsionar o ensino e aprendizagem da língua Kokama na Amazônia brasileira e na peruana, os quais estão sendo muito utilizados.

É importante lembrar que esse povo sofreu repetidas tentativas de massacre físico, cultural e social e os resultados nefastos da interdição da cultura e da língua kokama nas escolas das ordens religiosas afetaram negativamente as gerações atuais. As crianças, ao saírem da escola, "[...] não queriam mais se considerar indígenas" e os pais já não passavam para seus filhos suas línguas e tradições (ALMEIDA; RUBIM, 2013, p. 69). Daí a relevância da vitalização da língua Kokama liderada por professores indígenas nos últimos anos.

O primeiro aplicativo para o aprendizado da língua é o APP Kokama Tradutor, criado em 2016 por Altaci Kokama em parceria com a Fira Soft. É um aplicativo simples com a função de traduzir palavras e que possui um repertório de 900 palavras.

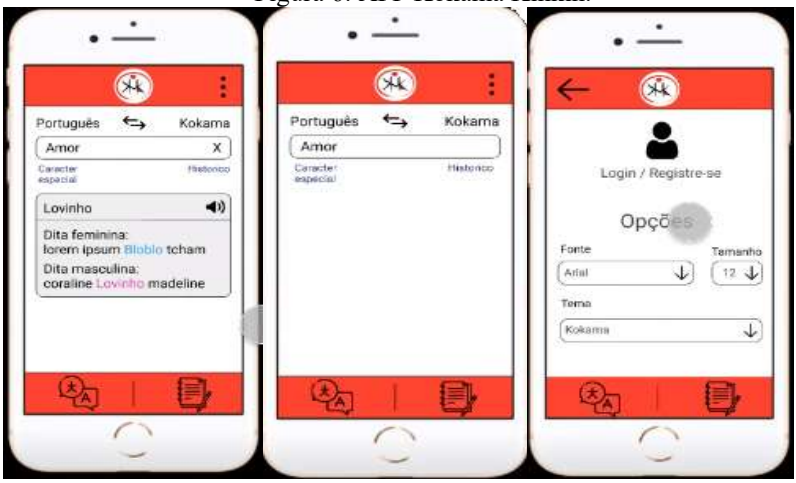
Figura 5: APP Kokama Tradutor.



Fonte: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.firasoft.kokama&hl=en_US&gl=US. Acesso em: 13 ago. 2021

O APP Kokama Kinkin é o mais novo aplicativo Kokama e foi produzido durante a pandemia de coronavírus, em 2020. Ele possui mais de 3000 palavras, atividades de ensino de língua, áudio, histórias, adivinhações, entre outras possibilidades. O Kokama Kinkin ainda será lançado e resulta de uma parceria do movimento de vitalização da língua Kokama com o professor e os estudantes de Engenharia de Software da Universidade de Brasília.

Figura 6: APP Kokama Kinkin.



Fonte: https://fga-eps-mds.github.io/2020.2-Projeto-Kokama-Wiki. Acesso em: 13 ago. 2021.

Considerações finais

Buscamos apresentar neste artigo, a partir de experiência empírica, as formas pelas quais o povo Kokama tem reinventado a sua educação escolar no contexto da pandemia de Covid-19, iniciada em 2020 e que segue em curso no ano de 2021. Foram maneiras diversas, deliberadas coletivamente a partir das realidades locais, contando com a tecnologia – aplicativos e mídias sociais – e a criatividade dos professores indígenas.

No que concerne à transmissão de conhecimentos, as mortes de parentes pela doença produziram efeito prático e simbólico, mas, ao mesmo tempo, as imposições da crise sanitária também incentivaram o uso criativo de ferramentas para a capacitação de professores e para a continuidade da aprendizagem no ambiente familiar. Novos materiais didáticos e paradidáticos, como jogos pedagógicos com materiais naturais, e aplicativos de celular para o ensino da língua Kokama foram criados neste período.

Vale lembrar que a história recente do povo Kokama exemplifica a mobilização étnica que tem na língua um pilar fundamental na construção e na afirmação da identidade desse povo.

O processo de vitalização das línguas indígenas apresenta muitas alternativas de ensino e aprendizagem, como demonstra o povo Kokama no artigo em tela. Olhar para o passado para atualizar o presente e articular o futuro com a memória esclarecida e fixada no presente é o que tem impulsionado o povo a fortalecer sua língua. A língua constitui-se de valores, o que nos torna únicos; sem esses valores, não nos reconhecemos.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; RUBIM, Altaci Corrêa. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 67-80, 2013. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/20669. Acesso em: 10 ago. 2021.

A QUEM interessar: O Povo indígena Kokama na guerra contra o coronavírus. **Nova Cartografia Social da Amazônia**, Manaus, 22 maio 2020. Disponível em: http://novacartografiasocial.com.br/a-quem-interessar-o-povo-indigena-kokama-na-guerra-contra-o-coronavirus. Acesso em: 27 ago. 2021.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; PIRIS, Eduardo Lopes. Tradição e dispositivo de ensino de língua estrangeira: uma discussão em torno do livro didático de PLE. *In*: SÁ, Rubens Lacerda de; GUEDES, Sônia Margarida Ribeiro (org.). **Português para falantes de outras línguas**: materiais didáticos, formação de professores e ensino de gramática. Campinas: Pontes, 2016. p. 45-69.

BANIWA, Gersem. **VII Encontro Questão Indígena e Educação**. [*S. l.: s. n.*], 2021. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal do Museu do Índio (UFU). Disponível em: https://youtu.be/dsuUirIR0wA. Acesso em: 20 ago. 2021.

FARIAS, Elaíze. Sesai confirma primeiro caso de coronavírus em indígena brasileiro. **Amazônia Real**, Manaus, 1 abr. 2020a. Disponível

em: https://amazoniareal.com.br/sesai-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-em-indigena-brasileiro/. Acesso em: 30 ago. 2021.

FARIAS, Elaíze. A morte está vindo muito rápido em meu povo. **Amazônia Real**, Manaus, 14 maio 2020b. Disponível em: https://amazoniareal.com.br/a-morte-esta-vindo-muito-rapido-em-meu-povo-diz-professora-kokama-sobre-a-covid-19/ Acesso em: 27 ago. 2021.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. **Vygotsky**: a interação no ensino/aprendizagem de línguas. São Paulo: Parábola, 2019.

RAMOS, Ana Adelina Lôpo. Princípios teórico-metodológicos em práticas pedagógicas de Português Brasileiro como língua adicional - PBSL. *In:* CORDÉLIA, Francisca *et al.* (org.). **Diálogos em português brasileiro como língua adicional**. Brasília: UAB; UnB, 2017. p. 19-48.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

RUBIM, Altaci Correa. O novo Coronavírus a Kutipa/ Kanuparita dos povos indígenas no século XXI. *In*: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; MARIN, Rosa E. Acevedo; MELO, Eriki Aleixo de. **Pandemia e Território**. São Luís: UEMA Edições/ PNCSA, 2020. p. 387-404.

VERMELHO, Sônia Cristina *et al*. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 126, mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/4JR3vpJqszLSgCZGVr88rYf/?lang=pt. Acesso: 14 ago. 2021.

Recebido em: 31 de agosto de 2021
Aceito em: 07 de dezembro de 2021